A celebre artista Gaby Deslys

N.º 312 Lisboa, 12 de Fevereiro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 4$800—Semestre, 2$400—Trimestre, 1$200

Illustração PORTUGUEZA

Diretor: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO 43

Para as pessoa de edade

QUE TANTO NECESSITAM DE POUPAR AS FORÇAS D
BILITADAS, E, DE POR MEIO DE UMA PREPARAÇÃO R
CONSTITUINTE EFFICAZ, TON FICAR O ORGANISM
ESTÁ INDICADA PELOS SEUS MARAVILHOSOS EFFE
TOS, A

Somatose liquida

BAYER

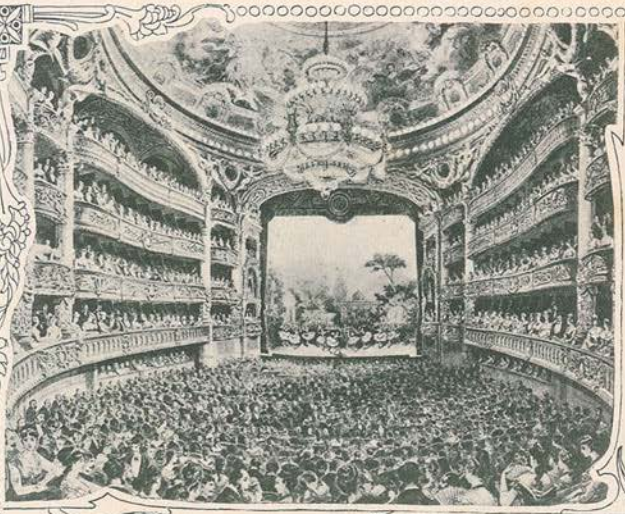
A' VENDA EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS

UMA GRÈVE DE BAILARINAS

As dansarinas da Opera de Paris fizeram grève; e uma grève movimentada, como de resto bem logico era que iôsse, dadas as aptidões especiaes das proletarias descontentes. Mas, porque a grève? Porque a diréção readmittiu duas antigas artistas, mademoiselles Rouvier e Ricotti e o sindicato viu n'isso um atentado contra os direitos das suas camaradas. Logo, imposições, *ultimatums*, negociações, conciliabulos, *parede* e, por fim, ato de fôrça da diréção, rescindindo os contratos com todo o insubordinado pessoal.

Foi na noite de 19 que o conflito atingiu o seu periodo agudo. Para essa noite já o cartaz não anunciava bailado. Excecionalmente o espetaculo constava só de uma opera em que não havia dansas: a *Monna Vanna*. E eram 8 horas e meia precisas quando mr. Paul Vidal, que dirigia a orquestra, empunhou a batuta e, logo a introdução, aliás pouco longa, se fez ouvir sem incidente. Chegada, porém, a altura de subir o pano, o pano ficou imovel. Parou a orquestra, fez-se um silencio absoluto — o silencio que a reportagem classica costuma chamar «das grandes ocasiões» — e n'esse silencio se passaram cinco a seis minutos. Até que por fim o *regisseur* do teatro, mr. Stuart, veiu, encasacado, ao proscenio declarar que inesperadamente os maquinistas se tinham solidariesado com o corpo de baile e que, n'essas condições não era possivel con-

1—Mademoiselle Aida Boni, primeira dansarina estrela, que, como a sua colega Zambelli, não entrou na grève
2—Uma lição de dansa na Opera



1—Um bailado na Grande Opera de Paris

quer no trono de França nem um Luiz XIX... nem um Pataud I.

Mas tres quartos de hora depois o espétaculo recomeçou para seguir sem incidente até ao fim. O povo-rei tinha sido magnanimo...

Dentro, os diretores da Opera, mess. Méssager e Brussau, avinham-se pacientemente com os varios membros dos diversos sindicatos. A situação esclarecera-se. Não esperando pela prometida resposta dos coristas e dos

tinuar o espetaculo. O publico, indignado, protestou. Quiz que a representação continuasse, fôsse como fôsse.

— Pois bem — replicou, amavel, mr. Stuart — vamos experimentar!

E reaparecendo, logo depois, concluiu:

— Minhas senhoras e meus senhores: pedimos-lhe meia hora de espera. Os delegados das diferentes corporações de artistas e de empregados da Opera vão reunir e, logo depois, daremos conhecimento das resoluções que se adotarem.

— Então, é o povo-rei! — gritou um espétador, por certo bom republicano que não

2—O diretor da Opera, Messagér
3—Mademoiselle Carlota Zambetti, que, sem duvida satisfeita com o seu ordenado de 8 contos anuaes, não entrou na grève
4—O diretor da Opera Brussau

1—O tenor Muratore: O paladino de uma das dansarinas readmitidas 2—Mademoiselle Barbier, uma das primeiras bailarinas, que não se associou á grêve 3—A bailarina Conat 4—A bailarina Meunier 5—A bailarina Boulay

musicos com quem contavam para a grêve geral, os maquinistas haviam resolvido agir por conta e risco. Mas contra eles estavam todos. E o tenor Muratore (que teve uma parte indireta, mas importante, na origem d'esta grêve) vestindo o suntuoso trajo de Prinzivale com que ia entrar em cena, dirigiu-se aos maquinistas n'estes termos que sintetisam o conflito e servem bastantemente para o comentar:

«—Sim, fui eu que pedi a readmissão de Madame Rouvier... Os senhores são infames! Os senhores cometem uma má ação; os senhores, paes de familia, pessoas honestas, solidarisam-se com mulhersinhas que querem impedir uma mãe de ganhar a sua vida... Ninguem tem nada que vêr com a vida particular de Rouvier nem com a minha!... Separámo-nos... Estavamos no nosso direito... Ela quer agora retomar o seu logar... Recomendei-a, ajudei-a, não o nego... E que tem isso?... E' mizeravel o que os senhores fazem!... Mas eu vou usar de toda a minha influencia para fundar um sindicato de artistas, d'autores, de chefes d'orquestra, de toda a *élite* que faz o teatro e do qual os senhores vivem!... Pois quê! os senhores querem que nós, a quem o publico vem vêr, ouvir, aplaudir, sejamos obrigados a passar debaixo das suas forcas caudinas, dos senhores que não seriam nada, que não teriam pão se nós não estivessemos aqui!...»

E' preciso acrescentar que as duas «estrelas» do corpo de baile, mademoiselles Zambelli e Boni, bem como algumas, poucas, das suas camaradas, não pertencem ao sindicato e conservaram-se sempre alheias ao movimento.

Nunca se viu no templo de Terpsicore uma tal falta de ritmo e compasso. E nunca tambem as gentis rapariguinhas e os seus barbados companheiros executaram com menos aplauso um *divertissement*.

Os Cães de Luxo e o Luxo dos Cães

Em Paris, quando uma dama, respeitadora dos usos do seu tempo, vive só *(só* sem ninguem, ou *só* com o marido) e não usa trabalhar, e persiste em não ter filhos—compra um cão.

Compra um cão—que póde ser maior ou mais pequeno, encaracolado ou liso, preto, branco ou castanho, porque tudo isso a moda admite—e desde logo lhe dá, prodigamente, o recheio d'esse objeto que os sabios chamam um musculo e que os homens que não são sabios, esgravatando-lhe com gula na casca tentadora, teimam em denominar, á antiga, liricamente, o coração. *Bull, berzol, terrier, esquimau, greyhound, griffon* ou *pequinois*—seja o que fôr!—ela adora-o com desvelos de mãe: acaricia-o com doçura, cuida-o com devoção, enternece-se com os seus desvarios, sofre as suas dôres; reserva para o seu focinho guloso o melhor bocado, enfeita-o com as suas fitas, salpica-o com os seus perfumes.

Ora, como o numero de senhoras que em Paris vivem só, ou só com os maridos, e que mais não teem de afazeres que o de valorisar essa situação, é prodigioso, tambem a estatistica dos tótós seria de molde a causar pasmo aos meus leitores se eu tivesse os algarismos de memoria em termos de os poder reproduzir aqui. Mas basta ir ao *Bois*, vêr os automoveis que circulam em Paris inteiro, entrar nos restaurantes e nas casas de chá, atravessar os armazens, para qualquer de nós se convencer de que seria infinitamente mais facil prender aqui uma mulher chic por ter cão do que por o não ter.

Os leitos dos cães de luxo

E' claro que esses amimados bichos não dormem n'um canto da cosinha, nem se expõem ás vicissitudes do tempo vestidos unicamente com a, por vezes bem linda, pele que Deus lhes deu. Para dormir, tem confortaveis e fofissimos *corbeilles*; para vestir tem excelentes e numerosos *paletots*.

Em Paris, os homens não vestem primorosamente; mas a tradição dos Brummel prolonga-se nos cães. Um tótó que se presa, um d'esses *bulls* de focinho abominavel que são os mais *dernier cri*, ou um d'esses *belgas* pequeninos, feios e peludos—faz varias vezes por dia a

1—As botinas dos cães
2—Umas lunetas de automovel para cão

sua *toilette*. De manhã, o casaco preferido é em pano de qualquer côr, forrado de setim: simples, discreto, com um pouco de *nonchalance* indispensavel a uma *toilette* de *petit-dejeuner*. Se, porém, a manhã está linda, uma d'essas manhãs neblinosas, de frio, com o sol coando-se atravez d'uma cambraia, manhãs que são as melhores do inverno de Paris, o passeio ao *Bois* impõe-se e, com ele o respetivo *paletot*: pano inglez, desenho escossez, bordas de coiro, fivelas de coiro tambem, cinto do mesmo pano.

No *après-midi* a *toilette* depende das *courses à faire*. Para visitas, o *paletot* deve ser em pano sedoso, forrado de setim com presilhas e botões de passamanaria. Para o chá, o *paletot* em veludo, acolchoado, com capuz, *marca* muito bem. Chovendo, é permitido o mesmo em tecido impermeavel. Para passeio, usa-se o *paletot beige*, com forro côr de laranja, uma abertura elegante na altura das patas e o colarinho, de ida e volta, no mesmo pano. A gola direita, á militar, só se admite no *paletot* de seda, com botões doirados usado nas estações balneares.

Como calçado, ha as botinas, genero americano, em caoutchouc e em coiro, a empregar segundo as circumstancias. A coleira é tambem muito variavel; e quanto ao lenço, mais ou menos bordado e sempre com a inicial do elegantissimo bichinho, usa-se nos dois *paletots* que admitem bolso e que são o de passeio e o das visitas.

De resto, alguns modelos da excelente casa Govard Aine, o Paquin dos cachorrinhos, que acompanham este ligeiro artigo darão aos leitores a flagrante idéa dos objetos referidos que não poderia por si só permitir-lhes uma palida e imprecisa descrição.

Os paletots da moda do cão de luxo

Merecem esses animaes tantos desvelos? Por certo. A parisiense vive quasi sempre uma existencia bourgetsiana, transbordante de aventura, sufocante de misterio.

E', em geral, histerica, segundo dizem os sabios, e, segundo tambem os sabios dizem, as histericas recolhidas são peores que os sarampos a que egual precalço sucedeu. Os tótós são uns confidentes amaviosos, gratos e, sobretudo, discretos. D'eles escreveu algures, e com muita razão, mr. Pierre Wolff, comediografo francez:

«Ils savent nous consoler dans nos tristesses et nous pouvons leur confier nos peines: ils ne nous trahiront pas, car ils ont quelque chose de plus que nous, c'est d'avoir la parole en moins...»

Paris, janeiro.

P. O.

Onde viaja um cão de luxo

DURANTE A SUSPENÇÃO DE GARANTIAS

1—A Casa Sindical cercada pelas tropas na manhã de 31 de janeiro
2—As autoridades militares á porta da Casa Sindical depois da intimação para os grevistas se entregarem, vendo-se no primeiro plano os srs. Alvaro Pope e Simas Machado (1 e 2)

O ministerio, diante dos acontecimentos, deliberou levar á assinatura do presidente da Republica o decreto de suspensão de garantias, que desde logo se efetivou, tomando o governo de Lisboa o comandante da divisão, general Antonio do Carvalhal Teles de Carvalho.

Na madrugada de 31 de janeiro, tendo sido avisados por editaes os cidadãos pacificos para recolherem a suas casas ás horas de silencio nos quarteis, as forças regimentaes cercaram a Casa Sindical, onde prenderam 584 individuos que se entregaram sem resistencia, sendo conduzidos para bordo dos navios de guerra, d'onde, de-

1—O comandante do «Pero d'Alemquer» capitão tenente sr. Leote do Rego
2—Os presos na preparação do rancho

3—A condução dos presos no «Trafaria» para bordo do «Pero d'Alemquer»

pois, alguns foram levados para o forte de Sacavem e para o quartel da guarda republicana do Carmo.

O ministro da justiça apresentou á camara dos deputados—que a aprovou—uma lei especial, entregando os implicados no conflito aos tribunaes militares onde lhes póde assistir a defeza, sendo tambem

1—A bordo do «Pero d'Alemquer» onde foram metidos os presos na manhã de 31 de janeiro: A descida para os porões

2—O «Pero d'Alemquer» onde estão os presos da manhã de 31 de janeiro 3—Uma escolta conduzindo tres presos incomunicaveis

garantida a escolha de cinco testemunhas a cada um dos acusados.

As mulheres dos grèvistas, que estavam na Casa Sindical, foram postas em liberdade ao cabo de um dia de detenção e a autoridade passou uma busca e fez o arrolamento dos objetos encontrados na séde sindicalista, entre os quaes havia material para o fabrico de bombas.

1—Os carros eletricos escoltados em 31 de Janeiro 2—Os presos a bordo do «Pero d'Alemquer 3—Condução de presos para bordo no Arsenal de Marinha

A tranquilidade foi desde logo assegurada em Lisboa. Dentro em pouco reabriam os teatros; as ruas eram frequentadas, como de costume, até tarde e os cafés fechavam ás horas habituaes.

Os presos iam sendo sucessivamente trans-

1—Condução dos presos para bordo á passagem na rua do Almada

apresentarem as suas licenças a fim de serem visadas e desde logo se começou a pôr em execução o decreto.

O batalhão

2—Outro aspeto da condução dos presos
3—A porta da 4.ª esquadra nas portas de Santo Antão: Os presos entrando na escolta

feridos de bordo dos navios, onde não havia acomodações, para os fortes de Sacavem, Monsanto e Alto do Duque, entre escoltas que os tomavam no arsenal de marinha, no caes de Belem e no Bom Sucesso.

O general da divisão mandava afixar um edital pedindo aos cidadãos possuidores de armas de fogo para as entregarem no quartel general ou

1—Os officiaes de serviço no Arsenal de Marinha aguardando os presos em 31 de janeiro de manhã. 2—A policia afastando o povo no Rocio. 3—O general Carvalhal (◇) na manhã de 31 de janeiro no quartel general. 4—A policia expulsando um manifestante do Rocio—(Cliché Arnaldo)

voluntario, 4 de outubro, cuja séde é nas Amoreiras, tinha em seu poder algumas armas que ornamentavam as paredes das suas salas, onde devia realisar-se uma festa em

31 de janeiro e ali foram apreendidas, bem como algumas bombas explosivas.

Tambem foi dada ordem para que nenhum cidadão, sem a assistencia da autoridade, pudesse realisar prisões, sendo responsavel pelas que fizesse. Esta medida, acertadissima, poz cobro a exageros e a excessos de zelo incompreensiveis da parte d'alguns elementos das sociedades secretas a que nenhum governo póde reconhecer existencia, quanto mais funções legaes.

Os presos começaram a receber nota das suas culpas em 5 de fevereiro, instalando-se na casa da balança do arsenal de marinha, com os respetivos escrivães e juizes.

O general da divisão afirmou, na mesma data, a um jornalista que, no Carnaval, decerto já não existirá o estado de sitio, desnecessario em virtude da tranquilidade que ha na capital, onde a vida se normalisou.

1—Leva de presos removidos do «Pero d'Alemquer» 2—O guarda-freio que foi ferido por uma explosão de dinamite ao passar com o seu carro em Santo Amaro. 3—A estação da companhia dos electricos guardada pela tropa

(Clichés de Benoliel)

O ATENTADO DA MOITA

Durante os acontecimentos motivados pela gréve, o administrador da Moita, sr. João da Costa Cabedo, foi agredido barbaramente por um grupo armado e faleceu em 5 de fevereiro, no hospital de S. José, vítima dos ferimentos recebidos.

Os espiritos andavam agitados e ele, no cumprimento do seu dever, mandou prender alguns individuos, que dentro em pouco uma comissão ia pedir-lhe para soltar, ao que não acedeu, sendo, ao regressar á administração do concelho, atacado á machadada por um grupo.

Procurando defender a cabeça com a mão direita o machado decepou-lhe dois dedos e o desditoso com o craneo fendido, ficou na rua n'uma poça de sangue, sendo pouco depois conduzido para Lisboa, onde desveladamente o dr. Francisco Gentil pretendeu salval-o.

O sr. João da Costa Cabedo tinha 26 anos de edade, fôra estudante da Universidade, mas renunciára á sua carreira todo levado pela sua vocação literaria. Com o pseudonimo de *João Claro* assignára no *Intransigente*, de que era redator desde a sua fundação, algumas cronicas interessantes e esperava sair de Lisboa para um consulado longinquo, onde começaria a sua primeira novela, a que daria a sua inteligencia, a sua cultura, a sua fórma artistica, tão significativamente reveladas nos seus anteriores trabalhos.

1—O administrador do concelho da Moita, João da Costa Cabedo, falecido em 5 de fevereiro no hospital de S. José 2—Os indigitados assassinos do administrador da Moita: 1, Antonio Santos Pina. 2, Albertino Rosado. 3, Manuel Fernandes Correia. 4, Joaquim Varelho. 5—Manuel Bento Junior (Clichés de Benoliel)

O ANNIVERSARIO DO 31 DE JANEIRO NO PORTO

O 31 de janeiro tornou-se n'uma data nacional por ser o da primeira revolução republicana. O chefe do Estado devia ir assistir ás comemorações que se fizeram na segunda capital do paiz, mas, em vista dos acontecimentos, ficou em Lisboa, onde a sua presença era necessaria.

O Porto comemorou, todavia, essa data com um grande cortejo, no qual se encorporaram as autoridades, militares, agremiações civis e, percorrendo as ruas da cidade, desfilou diante da camara municipal, onde estava arvorada a bandeira republicana que ali se içou na madrugada historica de 31 de janeiro de 1891 e que mãos piedosas tinham guardada, sendo ha pouco oferecida ao municipio.

1—O cortejo em frente do monumento funebre do cemiterio

2—Os revolucionarios de 31 de Janeiro, com a bandeira que foi hasteada n'esse dia historico na Camara Municipal do Porto 3—O presidente da Camara, sr. Xavier Esteves, e os camaristas no cortejo 4—A manifestação em frente da Camara Municipal do Porto

(Clichés de Carlos Pereira Cardoso)

FIGURAS E FACTOS

O duque de Fife, cuja familia, Duff, é originaria da Escossia, tem o baronato desde 1790 e só desde 1889 o ducado com o marquezado de Macdufte, com a transmissão para seu filho mais velho ou filha, no caso de não haver varão, e desde 1900 o titulo de princeza e a qualificação d'alteza para as suas filhas, visto sua mãe ser uma princeza real, filha de Eduardo VII. O duque de Fife, falecido em 29 de janeiro, no Cairo, tinha 63 annos e era coronel honorario da artilharia voluntaria e antigo capitão de Gentlemen. Sua filha, a princeza Maud, foi indigitada noiva do ex-rei de Portugal D. Manuel, tendo obstado ao consorcio razões de ordem politica, já porque a princeza era protestante, já porque não havia segurança no trono portuguez.

A morte do duque foi causada pelo resfriamento apanhado ha mezes quando do naufragio do *Delhi*, a bordo do qual se encontrava com sua familia.

O sr. Marques da Cruz, autor do livro de versos «Liz e Lena»

O poeta Marques da Cruz. — Escreveu um lindo livro que é uma bela estreia, e que se chama *Liz* e *Lena*, no qual conta a paisagem da sua terra, a sua magnificencia com um apaixonado amor. Sem duvida está ali um poeta que ha-de conquistar o seu logar na literatura portugueza á força do talento dispendido com tanto brilho como n'esta sua primeira obra.

O general Antonio Carvalhal Teles da Silveira de Carvalho é um distinto oficial do nosso exercito, que durante muito tempo comandou, no norte, um regimento de cavalaria, sendo chefe da brigada em Lisboa quando da revolução de 4 d'outubro. O governo provisorio entregou-lhe o comando da divisão, que tem exercido com a maior proficiencia n'estes periodos agitados que se seguem sempre aos movimentos revolucionarios.

Em virtude dos ultimos acontecimentos o governo confiou-lhe o comando militar de Lisboa e tão acertadas, prudentes e, ao mesmo tempo, energicas foram as suas determinações, que a cidade, dentro em pouco, entrou em segura e perfeita tranquilidade, a ponto do ilustre militar declarar a um jornalista, em 5 de fevereiro, não ser necessario manter por muito mais tempo o estado de sitio.

1—O duque de Fife, cunhadodo Rei Jorge d'Inglaterra, recentemente morto no Egyto. 2—O general comandante da divisão de Lisboa, sr. Antonio de Carvalhaes da Silveira Telles de Carvalho

FIGURAS E FACTOS

Eduardo d'Abreu.—A grande caracteristica d'este homem ilustre que morreu em 4 de fevereiro e cujo cadaver foi repousar no pobre cemiterio de Amares, era a suprema força de analise na suprema elegancia de linguagem. Era um lutador e era um artista. De deputado progressista fez-se um tribuno republicano na hora em que o *ultimatum* despertou a consciencia nacional. Então apareceu o paladino. A causa revolucionaria deveu-lhe uma ativa propaganda; a causa da patria um alento enorme. Foi a ele que se deveu a subscrição nacional e na bandeira da grande comissão, que era bem sua por direito, agora se amortalhou o caudilho.

Passaram os entusiasmos, partiram-se as esperanças. O homem ilustre retirou-se para o cantinho da sua vilota pitoresca a estudar para logo, no momento em que a republica vitoriosa carecesse d'ele, correr a prestar-lhe o auxilio do seu talento e da sua experiencia.

Eduardo d'Abreu era senador e foi indigitado uma vez para ministro das finanças. Morreu em Braga, vitima d'um tifo, e o seu funeral, para o cemiterio de Amares, constituiu uma manifestação de saudade do paiz e do partido republicano. O chefe do Estado fez-se representar no funeral pelo governador civil de Braga.

O sr. Eduardo d'Abreu, morto em Amarés em 4 de fevereiro

A nova instalação da livraria Bertrand.—A mais antiga livraria de Lisboa, a Bertrand, onde o marquez de Pombal instalára o velho livreiro francez, acaba de passar por uma grande transformação, sendo hoje propriedade da firma Aillaud, Bastos & Alves, os conhecidos editores de Paris, Lisboa e Rio de Janeiro.

2 e 3—A nova e artistica instalação da antiga livraria Bertrand, em que atualmente estão associadas as poderosas casas editoras do Rio de Janeiro e de Paris, Aillaud e Francisco Alves, que projetam promover em grande escala a infusão das duas grandes literaturas portugueza e brazileira nos mercados de livros de Portugal e do Brazil
(Clichés de Benoliel)

O Casamento de Gaby Deslys

Um telegrama de New-York, divulgado na imprensa de Paris, anunciou que, em viagem para Inglaterra, a bordo do *Baltic*, mademoiselle Gaby Deslys se casára com um dansarino de opereta, americano, de nome Harry Pilcer. A familia da atriz só teria tido conhecimento da, aliás honestissima, aventura, quando lhe chegou ás mãos um telegrama concebido n'estes termos:

Mariée à Harry ce matin. Très heureuse. Gaby.»

Foi isso o que disse a comunicação de New-York, acrescentando ainda que mr. Pilcer é dono de vinte e tres primaveras e foi, na sua terra, o creador d'uma dansa chamada *Gaby glide*.

A noticia, circulando em Paris, causou uma viva impressão de surpreza. E não deixou, manda a verdade dizel-o, de encontrar incredulos irredutiveis, sobretudo entre aqueles e aquelas que mais de perto conhecem a *divette* gentil.

1—Gaby Deslys (Cliché Felix)
2—A Gaby, sentada deante da sua «coiffeuse», onde todos os objetos de «toilette» são em oiro (Cliché Manuel)

—«Gaby, casada, com um dansarino?!—dizia-me, rindo, uma *chanteuse* das *Folies Bergeres*.—Deixe-se d'isso meu caro senhor: Historias. Ela, só com um arquimilionario, e tendo, antes, a precaução de lhe pôr as joias todas fóra do alcance da mão. Tem-se visto muita coisa, a Gaby é uma rapariga de muito senso pratico e, nos tempos que vão correndo, não ha que fiar. .»

Afinal, a noticia era bem americana. Os desmentidos apareceram 24 horas depois. O bailarino é

1—Umas iniciaes... de perolas

O destino tem favorecido prodigamente as disposições artisticas, aliás apreciaveis, d'essa interessante rapariga. Em volta do seu nome creou-se uma lenda em que, como nos contos de fadas, ha reis, rainhas, principes mais ou menos encantados, sentinelas severas, palacios nobres e duetos d'amor, no misterio das noites silenciosas. E essa lenda tem sido aumentada, como todas as lendas pela imaginação dos divulgadores, que chegam a atirar sobre aquela pobre moça de olhos candidos a responsabilidade de não sei que precalços dinasticos e que sanguinolentas cenas de horror.

Mas, lendas... são lendas. E essa, só faz acrescer o prestigio d'esse *enfante gaté* das emprezas e dos publicos, que nos palcos triunfa, decerto pelos seus dotes artisticos, mas tambem, e principalmente pela graça, cheia de alegria, de frescura

2—Gaby Deslys partindo para New-York, onde foi ganhar 60 contos em tres mezes

3—O salão de Gaby

apenas um companheiro de arte, que vem para compor numeros a *duo*, á vista do respeitavel publico. Mas nada mais, como, de resto, sinceramente eu quero crêr.

Gaby Deslys, ou Gabriela dos Lirios (como lhe chamam os inglezes, n'uma liberrima tradução da sua graça) não é, de facto, nem Gaby nem Deslys, porque se chama Gabrielle Cacre e por esse nome, realmente pouco eufonico, deu em Marselha, sua terra natal, até ao dia em que, n'uma primeira sortida aventurosa, de lá fugiu.

A sua vida, em Paris, foi, de começo dificil e, se venceu, muito deve a uma admiravel força de vontade, predicado que n'ela vale tanto ou mais do que as joias, que aliás uma montra do Cartier invejaria. Figurante minima nos palcos, a pouco e pouco foi subindo e hoje o seu nome é um dos primeiros dos teatros de Paris.

Os emprezarios, mais ou menos americanos, disputam-n'a a peso d'oiro; os *magazines* reproduzem as suntuosidades do seu *hotel* de princeza; as suas perolas são das melhores do Universo; e, a par da gloria, possivelmente efemera como em geral todas as glorias humanas, o seu espirito de economia, que as linguas viperinas dizem de avareza, vae acumulando, no *tire-lire*, uma fortuna que não se desfará com o cansaço dos publicos nem com os maus humores da critica inconstante.

1—Gaby e as suas perolas
2—Adeus a Paris

e de saude, da sua bela mocidade.

Gente de má lingua (ha-a em toda a parte!) afirma que Gaby Deslys tem contratos e admiradores menos pelo que ela faz em cena, dansando e cantando, do que pelo que foi fazer, nos bastidores... em Portugal. Mas, em Portugal, onde certo é que ela esteve pelo espaço de alguns dias, eu só me lembro de a ter visto, em certa noite de S. Carlos, n'um camarote de segunda ordem, acompanhada por uma senhora de edade, e sorrindo para as lentes devoradoras dos binoculos alfacinhas, encantadas de pilhar a geito uma senhora de Paris

Perante as más linguas d'esta terra, eu pergunto a mim proprio, um pouco intrigado, se foi isso que a celebrisou?...

Eil-a, pois, a famosa Gaby, regressada a Paris, tão solteira como de cá saiu!

Isso lhe tirará ao menos o trabalho de, d'aqui a alguns mezes, se divorciar.

Paris, janeiro de 1912.

RUY DE CHAVES

A ENTREVISTA DE DOUVRES

Nunca a imprensa européa se preocupou tanto com a casa de Bragança como agora em que dois dos seus representantes, porventura os menos ilustres na sua historia, fizeram em Londres o que se póde chamar, como na ligação dos Orleans com os Chambord, um pacto de familia.

Emquanto o ramo dos Braganças, agora destronado, reinou em Portugal, nunca essa aproximação se conseguiu fazer. Estes reinavam; os outros eram a familia banida. bem os seus manejos e quando foi da invasão de Mac-Donnell, o odio negro a D. Miguel esvurmou em todas as folhas, a raiva aos seus apaniguados foi uma epidemia. Entretanto ele creava a sua familia no exilio. Os Braganças vencedores enxertavam-se com os Coburgo. O vencido perdeu as ilusões, morreu, sabendo bem que os seus não reinariam. Tambem este, o filho, a quem os tradicionalistas chamavam D. Miguel II, era oficial austriaco, os netos

D. Manuel, com o visconde d'Asseca, vae conferenciar dirigindo-se ao Lord Warden Hotel, onde com D. Miguel

Quando os principes quizeram vêr a patria onde um seu antepassado perdera as suas ultimas batalhas, foi n'um rigoroso incognito que o fizeram. E' que lembrava sempre a linha rigida, inflexivel e, por vezes, até ousada, seguida por D. Miguel, depois de expulso, depois de vencido. Aquele principe arruaceiro, amigo de touradas, valente e donairoso, o homem a quem os conselhos da mãe e as lisonjas dos militares, picadores e fidalgos perderam, soubera ser digno no exilio. Começara, depois dos seus dias de fome, a crear uma legenda. Os seus partidarios eram ainda bastantes. Via-se a fidalguia antiga por sua banda. Os constitucionaes vigiavam oficiaes austriacos deviam ser. A tradição não se aguentaria tambem impoluta n'essa casa que o avô, após os desvarios, tornara dignissima com as suas dôres, as suas mizerias, as suas agruras no exilio, onde os parentes o deixavam sem recursos.

Passaram-se os anos. Em Seebestein crescia um alfobre de galantes princezinhas e em Lisboa a familia real aumentava tambem. D. Carlos tinha dois filhos, tinha um irmão. Era escusado pensar o ramo legitimo — como o intitulavam—n'um throno com tanta sucessão.

Eles tambem o compreendiam e um dia, no mundo diplomatico, nas reuniões de Cannes, onde os Caserta dão banquetes aos

1—A sala do Lord Wardon Hotel, onde se realisou a conferencia -

2—O mata-borrão com a assinatura de D. Manuel

reis sem trono, constou que o filho mais velho do pretendente D. Miguel II ia casar com uma riquissima americana miss Annita Stewart, em cuja *corbeille* o principe depunha o titulo de duqueza de Vizeu, como podia oferecer n'um escrinio, com as suas armas, um adereço de pedras falsas.

O caso produziu sensação. Nunca o membro d'uma familia real se unira a uma plebea milionaria. Os reis, n'outras eras, casavam plebeamente, mas com pastorinhas. O sangue nobre de todo o mundo pouco a pouco se ia aliando ao da raça americana enriquecida, ás netas dos cultivadores da Luisania, dos salchicheiros de Chicago, dos homens de negocio de toda a poderosa America. Era pratico e era natural, mas, para um principe, era tambem a quebra da tradição.

Foi tanto esse pasmo que um jornalista legitimista, a quem se mostrava a estranheza do facto, apenas pôde balbuciar, vermelho até ás meninas dos olhos:

«Sua Alteza, naturalmente, terá que renunciar.» A renuncia era tão quimerica como o trono.

O atentado do Terreiro do Paço, deixando apenas dois principes em Portugal, moveu a familia de D. Miguel a oferecer a sua amizade, o esquecimento das fomes do vencido, do exilio, das privações. No fundo havia talvez a esperança vaga de um trono para o futuro, para alguem mais diretamente da sua familia. O duque de Cadaval — que é o mais importante dos partidarios do tradicionalismo — chegou a declarar que viria tomar o seu logar como soldado do exercito portu-

guez. Mas ainda d'esta ocasião os dois ramos malavindos, desunidos ficaram.

A' revolução se deveria a paz entre os Braganças que tanto mal fizeram uns aos outros e pelos quaes tantas forcas se ergueram, tantas guerras se geraram e tanto ouro

1—O principe D. Miguel de Bragança durante a travessia de Calais a Douvres
2—O hotel Lord Warden onde se realisou a conferencia

se perdeu. A imprensa de todo o mundo narra a entrevista em Londres de D. Miguel com D. Manuel. Um *reporter* do *xcelsior* conseguiu fotografar aquele principe, vindo de Douvres, com o visconde de S. João da Pesqueira—seu partidario e camarista secreto do pontifice—e tambem o ex-rei de Portugal, que esteve no Lord Warden Hotel, onde se realisou a entrevista, acompanhado pelo visconde d'Asseca. Diz-se que n'essa palestra D. Miguel renunciaria aos seus direitos a favor do primo com a condição de se realisar o casamento d'este com a princeza Izabel, que tem 17 anos e é neta da fortuna enormissima de miss Smith, a mãe de miss Annita Stewart, esposa do principe D. Miguel. Cem milhões de francos se lançariam n'essa aventura.

Outros dizem apenas que se trata d'um casamento pelo qual a familia ficaria unida. O que ha de positivo ninguem o sabe por agora, mas decerto não constituirá por muito tempo um mistério da historia. O mata-borrão confidente terá apenas vestigios da assignatura?!

Houve já quem aventasse que não, mas, naturalmente, isso é outra quimera, tudo quimeras, saidas bem da alma latina.

Os americanos, com o seu espirito frio,

D. Manuel, saíndo do Hotel, depois da conferencia
(Cliches do «Excelsior»)

do vencido de Evora Monte.

Tambem se apresenta uma fotografia com a legenda indicativa de estar Paiva Couceiro em Calais, dirigindo-se para o encontro dos dois principes.

Desde logo a imprensa mundial se apossou do caso. Uma assinatura de D. Manuel, impressa no mata-borrão deixado no modesto aposento do Warden Hotel, deu logar a inumeros comentarios. A fantasia desenfreou-se, dizem uns. A realidade é o que se escreveu, respondem outros.

Os jornaes americanos desde logo afirmaram que se tratava d'uma conjura para tentativas sobre Portugal auxiliadas pe-

com a sua graça ironica, insistindo nos milhões de miss Smith, postos ao serviço do pae do seu genro e do ex-rei de Portugal, marcando como os netos dos soberanos vindos do direito legitimo se aliam aos netos dos reis do milhão—a grande força do mundo—dão a essa entrevista de Douvres, a essa aliança de principes, n'um nome comercial bem do feitio da raça: *Constituição d'uma Sociedade Anonima para a Exploração da Quimera!*

Mas a verdade?... Ela, em absoluto, é uma quimera tambem!

Rocha Martins.

Figuras e Factos

O barracão do pateo da Calçada do Livramento em Alcantara que abateu com o temporal em 1 de fevereiro

O barracão do Livramento.—Com o temporal do dia 1 de fevereiro desabou um muro no pateo do Livramento, derrubando um barracão onde funcionava um teatro e que pertencia ao sr. José Luiz Bento.

Irène de Carvalho

Irène de Carvalho.— E' uma cantora portugueza contratada para Londres, onde vae cantar no King Way New Opera House e cujo talento os jornaes estrangeiros teem encarecido. Foi a discipula dileta dos maestros Corsini e Vidal, de Milão, de butou, com exito, no teatro Duca di Genova de spezia, na opera *Boero* e tem cantado nos principaes teatros liricos de Bolonha, Turim, Napoles, Syracusa, Palermo, M lta, Florença e Siena.

Cantou tambem em Lucerna e Livorno, na Suissa, em Rovereta, na Austria e, em Inglaterra, onde vae agora novamente receber aplausos, já cantou em Manchester, Liverpool, Bansgate, Tomquay, Brigenton e Londres, fazendo parte da companhia Castellano.

1—A comissão promotora das festas da inauguração da escola Alexandre Herculano na Amadora com os srs. Brito Camacho e senador Ladislau Piçarra
2—A aula de desenho 3—O edificio da escola

(Clichés de Benoliel)

Escola Alexandre Herculano.— Inaugurou-se em 4 de fevereiro, na Amadora, com a assistencia do dr. Brito Camacho, do senador Ladislau Piçarra e do coronel Marques Leitão, diretor do Colegio Militar, os quaes, nos seus discursos, enalteceram esta obra, devida a uma comisão que devotadamente para este fim trabalhou.

A escola está instalada em edificio proprio, e a aula de desenho vae ser dirigida pelo distinto artista Roque Gameiro, um dos seus fundadores, com o ilustre escritor Delfim Guimarães e outros elementos preponderantes do logar, entre os quaes ha comerciantes e proprietarios.

A ESTAÇÃO TEATRAL EM BERLIM

Não são os teatros ou logares de vida noturna que deixam Berlim em grau inferior a Paris. Ao trabalho persistente do

1—O ator Giampietro no papel de Kronprinz na revista do «Metropol-Dienacht-von Berlim 2—A cantora Rose na «Salomé» de Strauss 3—A sala suntuosa do «Wintergarten»

dia segue-se uma animação de intensidade verdadeiramente extraordinaria.

Teatros de opera, opereta, drama, classicos, comedia, variedades, salas de musica, orquestras, filarmonicas, concertos, bailes, palacios de «sport», são numerosos, e ha apenas a dificuldade de escolher.

Na «Opera» real, Ricardo

No «foyer», entre as 9 e as 11, ha exposição de decotes, como em Paris e Londres, de sorridentes damas sentadas no «bar» ou passeando na sala, aperitivos de bebidas n'uma atmosfera de vida, cara e ligeira.

Junto é o grande palacio de dança «Mascotte», animado e vistoso.

A praça Pigalle e a praça Blanche teem a sua reprodução nas ruas da Friedrichstadt, nos «bars», «cabarets» e logares de dança, os frequentadores e habituaes esquecem-se até de manhã, gracejando e estragando dinheiro. «Cabaret» é um «tingel-tangel» mais luxuoso e diferente dos seus «homonimos» de Montmartre, ouve-se canções e «di-

Strauss tem o seu apogeu com a vibrante «Salomé» e o espirituoso e bem seculo XVIII «Rosenkavalier».

No «Metropol» teatro representa-se uma revista onde a troça de costumes e atualidades, o espavento das decorações, a pompa das *toilettes*, e a estetica das canconetistas dão impressão de agrado e vida alegre. O ex-rei D Manuel é interpretado por uma gentil e quasi parisiense alemã, no seu rôle de inconsolavel destronado; conta a historia de um reinosinho, de onde o monarca teve de fugir para os encantos da Gaby, vivendo de amores, emquanto dura o dinheiro, e depois nos palcos, com canções e a ajuda da *divette*, sabem conseguir o necessario, travestindo-se de rei em «chanteur».

Aparece tambem o Kronprinz, de uniforme de «hussard» da morte, em negro com enfeites de prata e caveira no «colback», a lastimar a sorte de ir para Dantzig castigado pela cena do Reichstag; o seu espirito de «bon-viveur» prefere viajar e divertir-se, mas tem de se sujeitar a imitar o Papá no que ha pouco deu provas com o quarto principe; ás vezes ouve-se assobios a patear este numero, talvez por algum oficial muito cioso do seu futuro rei.

1—As atrizes Madge Lessing e Gussy Holl nos papeis de Gaby Deslys e D. Manuel na revista do Metropol
2—A atriz Gussy Holl no papel de D. Manuel, na revista «Die Nacht von Berlin»
3—A Gaby Deslys da revista «A noite de Berlim»

A cantora Elisabeth Boehm van Eriderno no papel de Otavio da opera de Strauss «De: Rosenkavaler»

seurs» brejeiros, toma-se champagne e saboreia-se um «caviar», como no «Chatnoir», «Linden» e outros.

A copia de nomes francezes como «Moulin-Rouge», «Variétés», «Riche», «Folies-Bergère», mostra a pouca invenção do alemão, contentando-se com plagiatos de nomes francezes consagrados; mas ha outros soando docemente, «Amorsale», «Blumensale», «Dianasale».

E todos os cafés, restaurantes e casas de espétaculo estão cheios de gente, de familias inteiras, a começar no pae, obeso da «Munchen», a mãe rubra com aspéto da nossa criada de cozinha, meninos de monoculo concavo e «sckemisse», de roupas de ar emprestado, á maneira de manequim, acabando n'uma rapariga loura de parecença ingenua, e tudo ri, come e bebe.

O «Wintergarten» é o maior teatro de variedades de Berlim, apresenta artistas diferentes no genero e diversos na nacionalidade, desde o Japão á dançarina de Hespanha; a sala é grande, de «plafond» em negro, cheio de luzes aparecendo como estrelas, é «chic» cear na «terrasse», mas para contentar todos os espétadores nos outros logares são servidas comidas frias e a predileta bebida «blonde».

O alemão ri-se, dá palmas, bebe e come pãesinhos com fiambre ou qualquer chouriço; a proposito de qualquer semsaboria perde o habitual aspéto grave e filosofico e solta «Bravos» e palmeia, proporcionalmente ao numero de cerveja bebida; o seu maior prazer consiste n'isso. Se o artista é francez não é aplaudido. Ha dias, estava uma cançonetista parisiense com a gentileza que só Paris sabe mostrar, disse canções, atirou beijos ao publico que nem esses merecia, sorriu-se, e ouviu como ovação a minha e outra talvez da «claque».

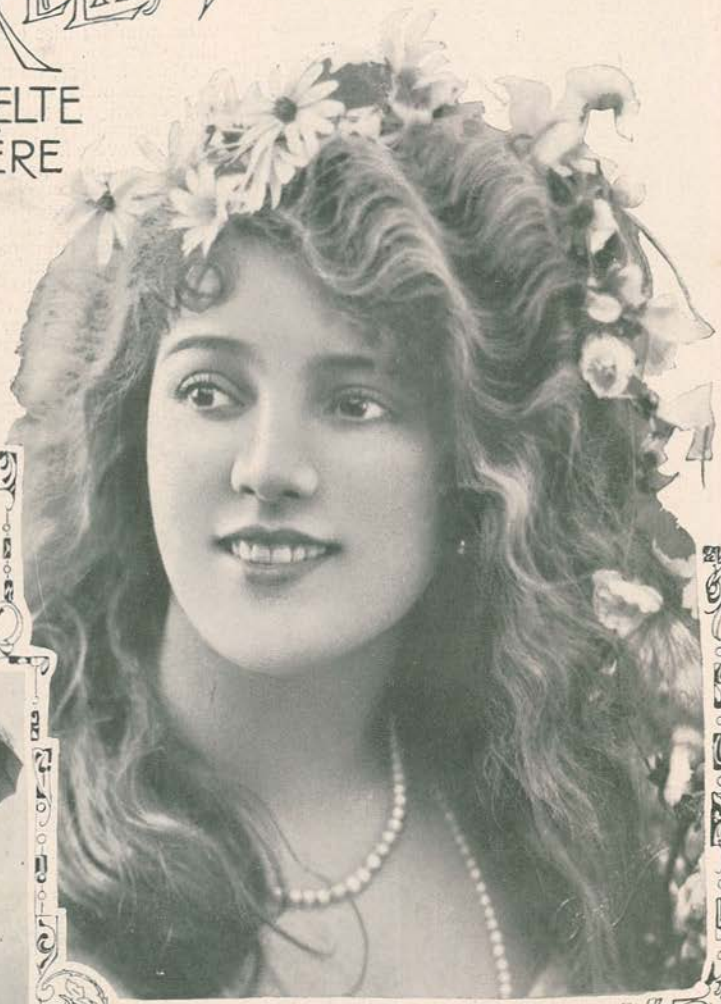
EUQOR.

Carl Bachmann e Greti Rozoner na nova opereta de Franz Lehar «Eva»
«Das Lied der jungen Liebe erklingt.
«Das dich und m ch bezwingt...»

ESTRELAS DE PARIS

ARLELTE DORGÉRE

N'um dos quadros da atual revista das *Bouffes parisiens* aparece trasvestida em *tambor d'Arcole*, simbolo precioso de patriotismo heroico e de audacia galharda e temeraria, uma das mais bonitas mulheres que pisam os palcos de Paris: mademoiselle Arlette Dorgère. E' elanão só uma formosa mulher, como uma atriz excelente e uma excelente



1—Arlette Dorgère no papel de «Primavera»
2—Arlette Dorgère

cantora; e esse conjunto de qualidades preciosas tem-na imposto, em varios palcos e em varios generos, á admiração do publico parisiense.

A cena da *Revue des X* (tal o seu titulo) a que me referi passa-se entre o épico tamborsinho e um burguez adepto das doutrinas do pacifismo. O pequeno arde em fervor patriotico, e fala, e gesticula, e grita, e diz com os mais lindos labios, e confirma com os mais lindos olhos as mais formosas coisas que póde pensar um bom francez nas horas em que façam apelo á sua valentia.

Meu Deus! São bem as coisas que nos diz mr. Déroulede,

1—Arlette Dorgère

e mais o velho Rochefort e mais todos quantos possuem a alma bem gauleza e teem a audacia nem sempre facil de a trazer no bico da pena ou á flôr dos labios. Mas quanto essas coisas ganham em ser ditas por uma linda mulher.

3—Arlette Dorgère, no Teatro do Palais Royal

3—Caricatura da artista

mesmo n'um quadro banal de revista, entremostrando a pele côr de rosa atravez dos calções rôtos (artisticamente rôtos!), gesticulando com as suas pequeninas mãos manucura-

4—Arlete Dorgère em dançarina

n'esta aplaudida revista das *Bouffes* o grande poder de entusiasmar a alma franceza... mesmo n'aqueles que, por circumstancias etnicas, a não teem. E, de tal modo, que ao vêl-a, tão patriotica e tão linda, não ha quem não sinta ganas de cantar ali, a plenos pulmões a *Marselheza* e de a repetir depois, a *mezza voce*... em gabinete particular.

Paris, janeiro de 1912.

RUY DE CHAVES.

das, levantando, arfante, no auge da oratoria, esse motivo de preciosa estatuaria que é o seu lindo colo nú!

Não o digo por ironia, não senhores! Digo-o sinceramente. Nunca a alma franceza póde ser melhor compreendida do que quando encarnada n'uma gentil mulher de França: porque é então a valentia nobre, audaz, risonha, por assim dizer estilisada, junta a graça á elegancia, ao encanto indefinivel das incomparaveis mulheres d'este paiz.

Assim, aquele tamborsinho d'Arcole, que eu quero crêr mais sedutor que o da Historia, embora no fundo infinitamente menos valoroso, tem,

1 e 2—Mademoiselle Arlette Dorgère

COMO SE CRIA O ESPIRITO MILITAR

O espirito militar perdeu-se um pouco desde que não ha guerras. Todas essas batalhas do imperio geraram na Europa os grandes oficiaes e vieram como um eco até á epoca das lutas pela liberdade em Portugal e Hespanha, dando ainda a alguns militares o ar e o gesto dos marechaes imortalisados na epopéa.

A Alemanha, depois de 1870, mais se militarisou. A vitoria sobre a França deu-lhe azo para de bom grado incarnar no povo o espirito militar. E assim d'uma maneira pratica, tornando todos os seus cidadãos soldados, ela se engrandeceu e se transformou em potencia temida e respeitada. Mas não contente com isso começou logo a fazer nas escolas a sua propaganda e hoje assiste-se a desfiles, cheios d'um alto interesse nas ruas de Berlim. São os pequeninos soldados, não uns militares para guardas d'honra e paradas — como foram os batalhões escolares de Lisboa — mas para manobras e para exercicios como verdadeiros regimentos.

Vão para o campo de arma ao hombro, com

1—O feld-marechal conde de Hasseler falando a uma companhia de guardas avançadas
2—Um exercicio de guardas avançadas pelos alunos de um colegio alemão

lho feld-marechal não se póde impedir de sorrir, como um bom avô, para os escolares tornados soldados.

A França, vendo como a Alemanha faz a sua propaganda militarista, segue-lhe as pisadas e já os seus estudantes começam a andar em exercicios, em bivaques, com armas e uniformes.

D'este modo as duas nações rivaes preparam os espiritos, tornam aguerridas as creanças, fazem os soldados cidadãos e, por mais que se avolume uma corrente contraria, hão de acabar por triunfar pelo menos durante muito tempo.

A tradição dos exercitos deslumbra e não ha alma de creança que não vibre á idéa de heroismos em campos de batalha.

mochilas e cartucheiras, levam as suas barracas de campanha, as suas ambulancias, as suas cosinhas, fazem os bivaques, simulam batalhas, instalam os hospitaes de sangue e com os seus oficiaes, os seus chefes, os seus graduados, os batalhões manobram.

Depois, pela noite, dentro das suas tendas, os soldadinhos dormem, após tanta fadiga, sonhando com o esplendor, com a força, com a grandeza da sua Alemanha imperial. Em volta, as sentinelas silhuetam-se ao luar das fogueiras, passam as rondas e assim decorre a noite. Ao toque da alvorada todos se erguem, atiram-se os viveres para a caldeira e as armas para os hombros. Recomeça o exercicio e á hora do rancho um velho marechal, o mais antigo de toda a Alemanha, chega por entre as continencias, rigido, grandioso, a inspecionar os soldadinhos.

Mas apezar de todo o espirito militar, o ve-

1—Os «Scout-Boys» francezes
2 e 3—Aspetos dos exercicios dos soldadinhos germanicos